

O mês de ramadã

*Sonia Bonzi

A lua nova que se mostrou no céu neste 23 de outubro de 2006, trouxe alegria para os iranianos. A sua chegada pôs fim ao ramadã, o mês do jejum dos muçulmanos.

Durante o período do ramadã a rotina da vida muda. Fica-se mais conectado com o universo. O nascer e o por do sol devem ser acompanhados com atenção. Eles dão as ordens. O jejum começa pouco antes de ser vista a luz do sol. Até que ele deixe de novo a Terra às escuras, nada se come, nada se bebe, nada se fuma, amor não se faz. Só a noite permite o prazer. O dia é de sacrifícios e recolhimento.

Os sunitas recolhem-se para rezar cinco vezes por dia e têm que fazer cinqüenta e duas orações. Os xiitas rezam três vezes e contentam-se só com dezessete preces.

Há um ritual a ser seguido. Antes de cada oração lavam-se braços, mãos e rosto. Se houve sexo exige-se um banho geral. Limpar o corpo antes de falar com Alá.

Uma mentira dita quebra o jejum do dia. Este dia terá que ser repostado. Mulher menstruada não jejua. Velhos, doentes e viajantes tampouco. Posteriormente paga-se uma quantia equivalente a pouco menos de dois reais por dia sem jejuar. Umas barraquinhas são postas nas calçadas para que as pessoas saldem suas dívidas. O dinheiro recolhido vai para os mais pobres.

Os meninos, a partir dos quinze anos, e as meninas, a partir dos doze, se em boas condições físicas, devem jejuar e seguir as regras do ramadã. É um período de purificação. Cada desvio de caráter nestes dias é mais grave do que nunca.

O sol é rei. Para ter seu brilho admirado, impõe sacrifícios ao corpo em busca da alma. A lua é que dá um basta e traz de volta a alegria de menos imposições.

A barriga vazia e a boca seca mudam o astral das pessoas. Muitas ficam agressivas e mal humoradas. Outras parecem querer que o mundo acabe em cama. Não há exultação. Elas querem é sossego para sobreviver ao dia e saborear a noite, em geral, entre familiares e amigos.

Os sunitas, para quebrar o jejum, começam por tomar água quente com tâmaras, ou pudim ou arroz com leite. Depois toma-se sopa de trigo com frango, peru ou carne. Uma variante pode ser o "ash": uma sopa grossa de feijão, grão de bico, macarrão, cheiro verde, alguma carne. Iogurte ressecado com azeite de oliva dá um toque no sabor. Tradicional também é o "sholezard" - um arroz com água, açafrão, açúcar, amêndoas, pistaches e canela.

Um intervalo de meia hora, uma hora, se segue.

Vai começar o jantar.

E aí comem de tudo: muitos tipos de arroz: uns com iogurte, outros com um picadinho de folhas de tempero e favas. Arroz com açafrão e frango, arroz branco soltinho, grãos longos e finos, que voa se soprado. E mais feijões com carneiro e cheiro verde em quantidade. "Kebabs" de frango, peixe, carneiro ou vaca... Muita salada, muito pepino e tomate. Frutas em profusão.

Acabado o festim culinário, muitos vão passear de carro pelas ruas, felizes com a barriga cheia. Ainda cedo correm para suas camas. Terão que acordar por

volta das quatro da manhã e reiniciar o ritual: a comida, a ablução, a reza... Quem pode dorme mais um pouquinho.

Durante o mês que passou, não era permitido, durante o dia, sequer tomar água em lugar público. Fumar também não. Os restaurantes, cafés e casas de chá fecharam. As ruas ficaram vazias e o trânsito tranqüilo, todo o dia.

Com o fim do ramadã, as pessoas ficaram mais satisfeitas, aliviadas, curtindo a sensação do dever cumprido, com créditos perante Alá. Voltaram com força o movimento dos restaurantes, o cheiro de carne assada nas ruas, os sorrisos das pessoas, o barulho do trânsito pesado, o vai-e-vem nas calçadas.

E a lua em quarto crescente enche-se com os agradecimentos dos que tanto esperaram por ela.

*Sonia Bonzi é embaixatriz do Brasil no Irã